

AS SAVANAS AFRICANAS DO CÉU: A GUERRA INFINITA CONTRA A FAUNA SOBRENATURAL

MANUEL CURADO

Universidade do Minho

RESUMO

A vida humana parece procurar o Outro obsessivamente. Eis alguns exemplos desta obsessão: umas pessoas estão interessadas em conhecer a natureza através da ciência, isto é, em conhecer objectos que não foram feitos por elas próprias; outras pessoas interessam-se por seres sobrenaturais e organizam as suas vidas em clubes de interesses comuns chamados 'religiões'; outras pessoas não parecem ter nada de interessante a fazer nas suas vidas privadas e dedicam-se a perscrutar as anomalias do mundo, as regiões entre a natureza e o sobrenatural; outras pessoas gostam muito de inventariar os contactos com hipotéticos seres inteligentes não humanos.

Nenhuma destas actividades humanas realiza o interesse humano mais radical. A ciência, a religião e a curiosidade dos que procuram seres não humanos por esse universo fora são actividades menores da humanidade. Estas pessoas (cientistas, religiosos e curiosos) dobram a espinha e fazem uma vénia ao que eles próprios não criaram. Isto é uma degradação do humano. Não é possível pensar em nada tão indigno da humanidade quanto uma vida de crianças grandes que se entretêm com brinquedos, mesmo que esses brinquedos tenham sido feitos por Deus. Eis alguns argumentos para defender estas ideias.

Um destes dias reparei em algo que me fez pensar. A universidade em que trabalho tem cinquenta cursos de licenciatura sobre quase todas as áreas científicas. Neste sentido, é uma universidade típica. Ao ver este catálogo de cursos universitários, lembrei-me de o dividir em duas grandes categorias. Em primeiro lugar, a de cursos sobre o que 'existe lá fora à espera de ser estudado'. Poderia também dizer 'cursos sobre a natureza'. Incluo nesta categoria os cursos de Bioquímica, Biologia e Geologia, Química, Geologia, Física e Química e Física. Ao todo, são seis as licenciaturas que se ocupam de assuntos não humanos.

A outra categoria é a dos estudos de 'coisas feitas pelos seres humanos'. A lista destes cursos é muito longa. Vai de Arquitectura, pelas várias Engenharias, até à Música.

Existem ainda cursos de difícil catalogação. Por um lado, parecem ocupar-se de assuntos que não são feitos por seres humanos e que, por isso, são 'dados'; por outro lado, quando se verifica com mais atenção este conjunto de cursos híbridos e estranhos, vê-se que procuram melhorar a vida dos indivíduos e das sociedades. Penso em cursos como os de Biologia Aplicada, Química Aplicada, Engenharia Biológica e Medicina. É indubitável que estes cursos utilizam dados que

não são originariamente feitos pelo homem, mas também é verdade que o campo do artificial é maioritário e todos os dias cresce em cada uma dessas áreas científicas.

Pelas minhas contas, a percentagem dos assuntos dos cursos da minha universidade pode ser dividida deste modo. Os cursos que estudam 'o que existe lá fora à espera de ser estudado' constituem 12% do total; os cursos que estudam 'coisas feitas pelos seres humanos' constituem 88% do total. (Incluo já os cursos híbridos neste último valor.)

A comparação com outras universidades dá-nos valores muito próximos. É surpreendente que universidades mundialmente conhecidas como o Instituto de Tecnologia do Massachusetts (MIT) não alterem significativamente estes valores de uma universidade europeia, apesar da existência de *majors* e *minors* e de cursos híbridos com componentes muitos diferentes (e.g. o curso de Humanidades e Engenharia). O MIT oferece cinquenta e um cursos que conferem grau. Destes cursos, apenas seis são claramente dedicados a estudar a natureza (Biologia, Ciências do Cérebro e da Cognição, Química, Ciências da Terra, da Atmosfera e dos Planetas, Física, e Física e Engenharia Eléctrica). Três cursos de engenharia têm necessidade de conhecimentos amplos sobre partes da natureza, se bem que o facto de serem engenharias os coloque de imediato no conjunto de cursos sobre actividades que favorecem interesses de seres humanos. Nesta grande universidade, paradigma do conhecimento científico mais avançado, menos de 12% dos cursos são dedicados à natureza.

Perante estes valores, que podem ser facilmente corroborados em muitas outras universidades, poderíamos afirmar dois pontos. São os seguintes: os seres humanos interessam-se sobretudo por si próprios; de modo muito residual e meramente simbólico, os seres humanos investigam a natureza à sua volta, tudo aquilo que não foi feito por eles próprios.

Estes dois pontos podem ser traduzidos em enunciados de valor: os seres humanos valorizam quase exclusivamente o que lhes diz respeito; a natureza vale muito pouco para os seres humanos, considerando o assunto do ponto de vista das instituições que se dedicam ao conhecimento e à investigação.

A vida das universidades não é a vida do mundo. Porém, estas verificações sobre a vida das nossas universidades não são dissonantes com o resto das nossas vidas. Perguntemo-nos com frontalidade: quais são os conteúdos da Internet? A resposta é evidente: os seres humanos e aquilo que eles fazem ocupam a quase totalidade dos conteúdos da Net, se for possível fazer uma estatística desses conteúdos. Como sabemos, estamos a falar da maior biblioteca do mundo. O que tem lá dentro a maior biblioteca do mundo? Tem-nos a nós mesmos. E o que é que isso significa? Bem, isso significa que nos interessamos só por nós mesmos.

Perguntemos também com frontalidade: o registo escrito da nossa cultura é um património que pode ser analisado estatisticamente nos seus conteúdos. Não conheço nenhuma investigação precisa sobre isso mas a minha aposta pessoal é a de que noventa por cento do que já foi escrito e que está nas nossas bibliotecas se ocupa de assuntos humanos.

Talvez este ponto de vista tenha excepções. A nossa cultura pública gosta de inflacionar as excepções por razões de atenção do público. Isto significa que o que é dito não corresponde muitas vezes à verdade dos factos. Tomemos uma das excepções com que construímos o discurso fantasioso de que os seres humanos procuram o Outro na religião, o Outro na investigação

científica da natureza, o Outro no sobrenatural e na procura de seres alienígenas. Estes discursos são velhos como a história humana mas sempre que os analisamos com detalhe só encontramos versões do humano.

Para não ser injusto em relação a coisas que ultrapassam a minha compreensão, resolvi comprar uma enciclopédia do sobrenatural que inventaria praticamente todos os supostos fenómenos em que alegadamente há um encontro com o Outro. A enciclopédia em questão é a *The Gale Encyclopedia of the Unusual and Unexplained*, do casal Brad Steiger e Sherry Steiger, publicada em 2003. Tive um calafrio quando reparei na banalidade de tudo o que parece não humano. Os deuses e os demónios que nos atormentam são estranhamente parecidos connosco. Todos os verbos que podem descrever os seres humanos também podem descrever essas supostas entidades; basta inflacionar um pouco ou fazer variações criativas. O Diabo, por exemplo, diverte-se como nós nos divertimos, faz maldades como nós fazemos, faz contratos como nós fazemos, para redigir esses contratos precisa de tinta, como nós precisamos, gosta muito do erotismo, como nós gostamos, aprecia as escaramuças, conflitos e guerras como nós apreciamos...

É difícil não morrer de tédio perante as representações do preternatural e do sobrenatural. Há uns anos atrás morri de amores pela literatura visionária e hagiográfica; mas foi um amor muito efémero. Rapidamente percebi que aquilo é mais do mesmo que nós já temos e já somos. O cúmulo do tédio sofri-o ao ler o príncipe dos visionários da Europa setecentista, o sueco Emanuel Swedenborg. O fundador da Igreja da Nova Jerusalém dá-se ao incómodo de descrever as casas dos anjos e das almas defuntas, as lareiras e as mesas dessas casas. Fiquei nauseado com esta proximidade intolerável em relação a nós mesmos. Se isto é o sobrenatural, para que diabo é que precisamos disso?

A lição que retirámos dos catálogos de cursos universitários é semelhante à lição que podemos retirar dos catálogos de supostas realidades religiosas, preternaturais, sobrenaturais ou alienígenas. Falamos muito disso, mas não estamos sinceramente interessados nesse tipo de coisas. Falamos para exorcizar e para nos colocarmos no caminho do poder. Os nossos deuses e demónios e extraterrestres são estranhamente parecidos connosco porque representam a agenda que estabelecemos para nós mesmos: sermos nós próprios *isso*, sermos nós próprios extraterrestres, sermos nós próprios demónios, sermos nós próprios deuses. O interesse real das pessoas não é prestar vassalagem a demónios ou a extraterrestres; é conquistá-los totalmente. O interesse real das pessoas não é adorar o divino; é ser divino.

Tudo isto é contra-intuitivo e destoa dos discursos públicos que abordam e reflectem sobre o conhecimento humano e sobre a totalidade dos objectos que não são nós mesmos, a totalidade de todos os Outros, tudo o que existe no mundo fora de cada um de nós. Resumo este conjunto de todos os Outros da nossa vida na ideia de natureza, no sentido total que inclui não apenas a natureza de brinquedo e muito simples que os nossos cientistas já compreenderam mas também tudo o que sempre esteve na ideia de natureza, como as hipotéticas entidades anómalas, como diziam os Medievais, entidades preternaturais e sobrenaturais. Estes discursos públicos são caracterizados pelo elogio constante da capacidade humana de conhecer a natureza. Mais, colocam o conhecimento que daí resulta numa geografia mítica em que a suposta 'vanguarda' do conhecimento está nas ciências ligadas ao conhecimento da natureza, como a Física e a Cosmologia.

Quando se analisa com detalhe o tempo humano dedicado aos assuntos, verifica-se que essa geografia mítica é, de facto, implausível e pouco verdadeira. Se nos atrevêssemos a dizer a nossa opinião sobre o assunto, diríamos de forma crua que os seres humanos só se interessam por si mesmos e pelos espelhos culturais de si mesmos. De facto, a natureza não lhes interessa grande coisa ou mesmo nada.

Quando se pensa nestes assuntos, algumas ideias são claras. São estas. Existem indícios de que o conjunto de estudos sobre o que ‘existe lá fora à espera de ser estudado’ se está a tornar comparativamente cada vez mais pequeno. Esta tendência é especialmente visível na longa duração. Poderíamos dizer que o nosso interesse em conhecer o que existe lá fora diminui comparativamente em cada ano, em cada década, em cada século que passa.

Esta é uma situação notável e, de facto, é um paradoxo. Por um lado, a natureza é o maior objecto científico que existe, ou, também poderíamos dizer, é a totalidade dos objectos que a Ciência estuda, a totalidade dos Outros da nossa vida. Por outro lado, estes números transmitem na sua frieza a ideia de que os seres humanos se interessam mais por si próprios do que pela natureza. O grande assunto que ocupa a inteligência racional dos seres humanos é o que fazem os próprios seres humanos. Isto não é evidente a muitas pessoas porque o discurso que se utiliza é impróprio. Dizemos que a natureza nos interessa quando, de facto, isso não é verdade. O que nos interessa é o que vemos ao espelho.

As pessoas *dizem* que conhecer a natureza é uma actividade nobre, um sinal claro da inteligência e uma mistura preciosa de virtude e de racionalidade. As pessoas *dizem* tudo isto mas não *pensam* seriamente em tudo isto. Se assim fosse, dedicar-se-iam a estudar ciências naturais e, como é evidente para todos, isto não é verdade. Olhando para o assunto do ponto de vista das universidades que representam com fidelidade a actividade científica, a tendência, se existe de facto uma, é a da ascensão da engenharia em todas as suas formas. Mantemos ainda os nomes das nossas ciências por respeito para com o passado (medicina, química e todas as outras), mas o espírito é completamente diferente. Agora e num futuro próximo, devemos acrescentar a palavra ‘engenharia’ para termos uma visão nítida do que se passa no âmago das nossas supostas ciências. O melhor exemplo é, talvez, o da medicina. Se retirarmos a esta tudo o que depende da engenharia e da farmácia, ninguém desejaria ser tratado com o conhecimento da velha medicina. A medicina que temos é quase completamente uma engenharia médica e será cada vez mais uma engenharia que não depende da natureza. Tomando a parte pelo todo, os dados da farmacopeia são eloquentes: 25% dos medicamentos tem origem natural e 75% são sintéticos. A percentagem da origem natural é mais pequena todos os anos. Aliás, o que ainda temos desses 25% vem na maior parte das bruxas europeias – lembremo-nos do uso da *digitalis* para as doenças do coração.

O significado radical destes números não é epistemológico. O que está em causa não é a forma de conhecer a natureza mas uma pergunta mais incómoda: para além dos aspectos pragmáticos ligados à sobrevivência, o conhecimento da natureza realiza o interesse mais profundo dos seres humanos? De outro modo: qual é o sentido de um mundo que finge que se interessa pela natureza mas que, de facto, só se interessa por assuntos feitos por seres humanos?

Todos crescemos debaixo da atracção do maior sistema de naturalização do mundo que os seres humanos inventaram. Esse sistema chama-se ciência moderna. Ao seu lado, as várias teologias parecem actividades de amadores. A ciência moderna não reclama apenas a fé mas algo ainda melhor: a verdade sobre o mundo em que vivemos, todo o mundo, desde o momento inicial até ao futuro remoto.

Pode acontecer que o significado da actividade científica não esteja no que nos foi dito desde sempre. Talvez a ciência não esteja a aumentar o nosso conhecimento do mundo mas a construir um simulacro do mundo, um duplo mais simples do que o próprio mundo. No final dos tempos, este mundo paralelo terá condições para ser o único universo em que queremos viver porque é aí que nós somos os deuses. Deste ponto de vista, o génio da ciência moderna é semelhante ao das religiões organizadas: afasta as pessoas do Criador e da Criação e distrai-as com a retórica do progresso e do aumento do conhecimento.

É muito provável que não esteja a acontecer nenhum progresso e que o suposto aumento do conhecimento seja ilusório. Aumento em relação a quê? Em relação ao que sabíamos há séculos ou em relação ao que falta saber? Pode acontecer que o que já se fez seja de tal forma infinitesimal em comparação com o que falta saber, que qualquer elogio do progresso da ciência só pode ser considerado uma peça de humor.

O aspecto mais importante da ciência não é o conhecimento de uma realidade que não foi feita pelos seres humanos mas a criação de um mundo sem sobrenatural. O mundo maravilhoso da ciência moderna é exclusivamente humano porque representa uma natureza que os seres humanos podem compreender. A Criação é um bolo muito grande; a natureza que a ciência estuda é uma fatia pequena desse bolo. As pessoas saudáveis gostam muito deste estado de coisas porque têm um mundo de brinquedo em que podem ser deuses de brinquedo.

O núcleo da ciência de Galileu, de Newton, de Darwin, de Einstein e de von Neumann, apenas para nomear os heróis científicos que sempre amei, parece ter a agenda da compreensão do mundo. Parece óbvio, não é? Para que serve a ciência senão para nos explicar o mundo? Dito assim, a ciência representa uma escravatura dramática, a escravatura da inteligência humana à ordem da natureza. Tentar compreender a natureza é o processo indigno através do qual a racionalidade dos seres humanos se curva perante objectos que essa racionalidade não criou. Não consigo pensar em nada tão degradante. A ciência que todos apreciamos é, de facto, um horror simpático. Existiram homens sábios em muitas actividades humanas; só a ciência é que nunca provou a sabedoria. Utilizar a racionalidade para conhecer o que não se criou assemelha-se à empregada doméstica de hoje que se maravilha com o carro topo de gama do dono da casa. Coitada, que vida pobre a dela, a de estar refém do seu próprio desejo. Seria tão bom que ela fosse livre!

Vejamos mais de perto como as coisas se passam na terra da ciência. O modelo perfeito da escravatura do desejo científico é o Carlitos Darwin, um dos meus heróis científicos. O rapaz não sabia o que havia de fazer da sua vida. A medicina não lhe abria o apetite, e a teologia também não. Como não consta que fosse rapaz para incomodar as senhoras britânicas, embarcou no navio Beagle de Sua Majestade para ver como é o mundo. Ele estava a fazer pela vida, porque é óbvio que precisava de ocupar o tempo com alguma coisa para não morrer de tédio numa Inglaterra fria e enevoada. Vai daí, abalou até aos trópicos para ver a floresta brasileira e as ilhas Galápagos.

O rapaz poderia ter visto a beleza das mulheres brasileiras com detalhe, mas só lhe puxava para as ervas, para os pássaros e para as tartarugas! Este completo inadaptado social merece hoje as honras de Grande Cientista! Como é possível o Ocidente ter-se degradado tanto? Um dos nossos deuses de hoje é o Carlitos!

A história do Carlitos faz-nos pensar seriamente na Ciência. O que há a pensar, pois? É isto: interessa-nos mesmo explicar o mundo? Reparemos bem. O que faz o Carlitos Darwin e os seus amiguinhos cientistas? Ao que parece, eles explicam às pessoas como é o mundo. O pacote completo da explicação inclui as supostas leis que governam o mundo, a origem desse grande brinquedo de Deus e a história do aparecimento dos seres humanos. Isto é o que eles dizem que fazem; mas temos de ver o que eles fazem de facto.

Vejam atentamente o significado da actividade do Carlitos. A essência dessa actividade é a descrição do que eles próprios não criaram. Estrangeiro na obra de Deus, o Carlitos divertiu-se a catalogar as carapaças das tartarugas e os bicos dos tentilhões. Aqui e ali, como a sua cabeça tem detectores de regularidades, que ele próprio não inventou, ficou muito excitado quando descobriu uma suposta lei da natureza. O Carlitos ficou todo excitado por ter descoberto a explicação da diversidade das formas biológicas.

A sequência da vida dele é esta: primeiro não sabia muito bem o que andava a fazer na vida; depois embarcou; confrontado com a beleza das senhoras sul-americanas, disse-lhes que não tinha tempo para elas; deu uma vista de olhos aos bichos dos antípodas; como era uma criança grande, colecionou pedrinhas e ossinhos; de volta a Albion, confrontado com o tédio insuportável de não ter que ganhar o seu sustento, entreteve-se com outros fulanos de espírito semelhante; finalmente, indolente como era, lá o forçaram a publicar qualquer coisita porque o Alfredo Wallace, um outro rapaz que estava na Malásia, se poderia adiantar; uma mão lava a outra e acabou por descobrir que era uma celebridade mundial; mais uns anitos, morreu como os cães também morrem e como Aristóteles também morreu. A esta telenovela chama-se Grande Ciência! Como é possível apreciarmos semelhante coisa? É uma boa pergunta, não é? A resposta é esta: isto acontece porque as pessoas acreditam que o mundo é importante para elas.

O mundo não é obra nossa e não nos interessa compreendê-lo. Quanto mais compreendermos o mundo e o nosso lugar nele, mais louvaremos Deus. Compreender é louvar. Estes dois verbos são indignos de nós.

A marca do Ocidente é um engodo subtil: compreendemos a Natureza para que possamos enganar Deus logo que pudermos. Pagamos o preço elevado de investigar a obra do Criador para podermos fazer porretes mais poderosos para dominar os outros seres da Criação. Começámos por dominar os outros animais das savanas africanas; depois, preenchemos o nosso quadro de honra de guerreiros sem rival abatendo um número astronómico de espécies. Não existe, além disso, um único dia da história da humanidade sem homicídios e guerras. Esta é a fonte do maior prazer que existe: estar em guerra com todos e com tudo.

A essência do humano não se adulterou depois de termos vencido os grandes predadores. O sobrenatural é também território de caça. Todos os céus e infernos que existem são apenas mais savanas africanas. Depois de vencermos a Criação, neste planeta e nos biliões de galáxias que rodeiam a Via Láctea, espera-nos a fonte de todas as alegrias e a última esperança que justifica

não acabarmos desde já com a brincadeira inconsequente das novas vidas. A ideia que nos deve motivar é a do ataque ao Pai.

A ordem do Mundo e a ordem de Deus só nos interessam se as pudermos conquistar para os nossos interesses. O futuro glorioso que nos espera terá empresários que mostrarão nos seus circos seres sobrenaturais para o nosso entretenimento. Onde antes estavam a Vénus Hotentote e os anormais com quatro pernas e dois sexos, colocaremos Anjos, Tronos e Potestades. O maior divertimento será ir ao circo para ver os Demónios e o próprio Diabo.

De facto, o que devemos a toda essa fauna sobrenatural? Sintam a palavra 'nada' crescer no vosso interior. Ela é a resposta certa: não devemos nada. O único destino para essa Fauna é ser conquistada, comida, aproveitada e usada de todos os modos que concebermos, incluindo os circenses. É claro, a Fauna Sobrenatural pode não gostar de ser tratada desse modo. Não há novidade nisso. Os antigos mamutes do Canadá também não gostavam de ser incomodados. Não importa: foram maravilhosamente caçados, comidos e exterminados pelos nossos antepassados gloriosos. Os leões de África também não gostam de humanos a alterarem as suas vidas, mas já conquistámos todos e já os colocámos em parques para divertimento de turistas. Não devemos nada a todas essas bestas porque somos os criadores do futuro e o nosso único interesse é tratar da nossa vida sem parasitas alienígenas, preternaturais e sobrenaturais. Estamos em guerra contra tudo o que não é humano! (Se bem que possamos fazer alianças estratégicas com o preternatural para vencermos os alienígenas, ou com estes para vencermos aqueles, ou com o Mal para vencermos o Bem, ou com o Bem para vencermos qualquer dos outros. Tanto faz. Logo veremos quais são os nossos interesses. A guerra contra o Céu é infinita e temos muito entretenimento pela frente.)

As pessoas que dizem coisas estranhas ao afirmarem que são religiosas dobram geralmente a espinha e submetem-se a entidades sobrenaturais. Estar de joelhos é a essência da religião tal como a conhecemos. Pergunto eu com espanto: se os nossos antepassados venceram ursos, tigres dente-de-sabre e mamutes colossais, por que razão não continuamos a guerra infinita pela posse do mundo?

Não devemos ir ao encontro do Sobrenatural ou do Alienígena como se fôssemos naturalistas em expedição ao Brasil no século XVIII. Devemos ir ao encontro do sobrenatural com armas de caça e de guerra. A nossa posição não é a de servos mas a de senhores do mundo. Temos de combater o coração peregrino e místico que ainda temos a palpitar dentro de nós. O nosso destino não é sermos crentes, peregrinos, curiosos, cientistas ou adoradores; o nosso destino é sermos tudo o que dissemos que os nossos deuses são: imortais e plenipotenciários.

Como sou uma pessoa muito religiosa, censuro-me a mim mesmo por ter sentimentos religiosos intensos. Para mim, isso é uma falta moral, um vício horrível que, mais tarde ou mais cedo, terei de matar dentro de mim mesmo.

Nós, os Ocidentais Republicanos, não estamos interessados em compreender os brinquedos de Deus mas em só saber o suficiente para fugir do mundo e vencer o Criador. O fim de toda a ciência é a tecnologia. Fazemos ciência com a má consciência de estudarmos um assunto que realmente não nos interessa; só o fazemos porque podemos aproveitar esse conhecimento para fazer objectos não naturais que irão ser os blocos de um mundo artificial que nos terá por deuses.

O coração da ciência é, pois, um contrato com o Diabo. Queremos compreender porque não nos interessa compreender.

A ciência natural é um dos maiores logros da história da humanidade. Não serve para nada de interessante, mas apresenta-se como a salvadora de todos nós, mesmo dos que não desejam ser salvos do que quer que seja. Eis uma pequena colecção das más intenções da ciência. O primeiro e o maior logro da ciência é a ideia de que nos interessa o mundo. Estamos sempre a elogiar o mundo com a colecção infinita dos nossos adjectivos mais elevados: é lindo, vasto, enigmático, misterioso... Porém, o que interessa o Big Bang ao pai que tem de alimentar os seus filhos? O que interessa o micróbio ao publicitário que tem de vender produtos? O que interessa a Verdade sobre o mundo a pessoas que nascem para morrer? O que nos interessa a obra de Deus, se não é a nossa obra? A resposta é clara: nada, sempre nada.

Se isto é assim, a actividade dos cientistas só lhes interessa a eles próprios. Contudo, como o clube dos amigos das ciências é pequeno, essas pessoas insistem que as actividades do clube são muito importantes até para as pessoas que não querem saber nada sobre esse clube. Esses cientistas sabem perfeitamente que compreender o mundo não serve para nada se, nesse processo, não se conseguir influência social, mulheres bonitas e dinheiro.

O segundo logro da ciência rivaliza com o primeiro em amplitude. A ideia de que podemos compreender o mundo devido a um instrumento especial da nossa mente é fantástica. O instrumento em questão é a racionalidade. Bem vistas as coisas, se olhássemos do ponto de vista de um alienígena para os seres humanos, veríamos que eles não tentam compreender o mundo com o fígado, nem com o sangue, nem com o ciúme, nem com a alegria, nem com o cabelo. Eles tentam compreender o mundo com um instrumento invisível chamado racionalidade. O instrumento não foi inventado por eles e ninguém tem a certeza de que tenha valor. Porém, os seres humanos confiam totalmente nesse instrumento e afirmam que ele lhes dá a verdade sobre o mundo. Isto é espantoso! A racionalidade não é mais digna de confiança do que qualquer outra parte do corpo e da mente dos seres humanos. Se não confiamos nas emoções, por que razão deveríamos confiar na racionalidade? Hoje, devido aos trabalhos do Carlitos, sabemos que a mente humana é o resultado da evolução, assim como os músculos e a estrutura dos olhos. Precisamente porque é um artefacto da evolução que aconteceu neste bocado de terra que está num dos braços da Via Láctea, a racionalidade não pode aspirar a qualquer universalidade. O melhor a fazer é suspeitar dela.

Não temos nenhum indício de que se compreenda o que quer que seja à nossa volta: objectos físicos, situações médicas ou estados mentais. A origem da ilusão de que podemos compreender deve-se à simplificação que a ciência faz do mundo. Do seu ponto de vista, este é uma versão sofisticada dos brinquedos das crianças. Onde as crianças brincam com blocos e legos, os cientistas brincam com partículas fundamentais e tentam investigar a casinha do mundo. Nem as primeiras, nem os segundos reparam atormentados que o que desejam compreender não são blocos, nem legos, mas a Criação (exactamente assim, com maiúscula). O que é a Criação? É a totalidade do que existe e a resposta à pergunta sobre por que razão existe algo e não o nada. Nenhum ser humano tem recursos cognitivos para compreender estes dois aspectos do mistério do Ser. As nossas instituições são uma brincadeira de crianças para nos distrairmos de problemas que nos angustiam e nos deixam sem dormir.

Pode acontecer que a inteligência humana tenha uma agenda diferente da agenda da ciência, um interesse mais profundo da razão, uma agenda secreta da vontade que nos anima. Por um lado, todas as ciências têm a agenda superficial de compreender o que existe e partes do que existe, isto é, de procurar fazer o inventário do que está no quintal de Copérnico: estrelas, leis físicas, montanhas, seres humanos, emoções, pensamentos, caprichos, e tudo o resto, a história sem fim de tudo o resto. Por outro lado, o conhecimento científico não parece avançar. A medicina não descobriu a imortalidade; a astronomia faz catálogos de objectos mas não sabe por que razão são como são; a física mensura algumas relações mas não consegue compreender na íntegra o objecto mais simples em que se possa pensar; a psiquiatria e as outras ciências da mente aumentam constantemente a sua lista de patologias mentais e de distúrbios comportamentais, em vez de a diminuir. Porém, verificamos um progresso na vida das sociedades devido a aplicações tecnológicas dos conceitos da ciência. O paradoxo da ciência é este: sabe pouco sobre os seus objectos mas consegue transformar o pouco que sabe em tecnologias que alteram significativamente o rosto do mundo. A agenda secreta da ciência é esta: apresentando-se com o logro de investigação da natureza, procura fazer uma natureza artificial.

Estas duas agendas correspondem a duas visões da inteligência humana. Por um lado, esta deverá ser um espelho da natureza e compreender tudo o que existe. Com sou uma pessoa religiosa, não me vou esconder atrás das palavras. O que quero dizer é precisamente isto: compreender a Criação. Por outro lado, a inteligência humana é essencialmente política, isto é, tenta compreender o que escolhe para compreender e pode acontecer que não lhe interesse o que descobriu ou aceitar o que compreende. Neste sentido, vivemos numa época muito interessante porque, ao lado da agenda da compreensão da Criação, estamos a desenvolver a agenda da superação da Criação, isto é, estamos a viver num universo em que somos cada vez mais os criadores. A tecnologia é a agenda secreta da ciência.

A ciência parece ser um programa deliberado para compreender os Outros que existem no mundo, a obra de Deus, mas, de facto, é um programa para afastar Deus, e para ser melhor do que Ele. Se vencermos a guerra infinita contra Deus, contra a Natureza e contra os Outros, transformaremos estas figuras que nos atormentam desde sempre em curiosidades do passado, assim como os dinossáurios e os mamutes.

Esta é a razão devido à qual os Outros não têm qualquer importância para nós: não são obra nossa e toda a compreensão que deles tivermos será sempre uma actividade menor, uma actividade de estrangeiros na obra de Deus.